

RETRATO EPIDEMIOLÓGICO DA MORTALIDADE POR CÂNCER DO COLO DO ÚTERO EM UMA DÉCADA NO BRASIL

Pedro César Rezende Segurado¹, Luiza Luiza Antelo Parente², Meiryete Ribeiro Crisostomo³, Juliana Araís Hocevar Kristoschek⁴, Daniel Godoy Defavari⁵

¹Discente do Curso de Medicina da Universidade de Brasília. E-mail: pedrocesar040713@gmail.com; ²Discente do Curso de Medicina da Universidade de Brasília. E-mail: luizaantelop11@gmail.com; ³Discente do Curso de Medicina da Universidade de Brasília. E-mail: meirylecrisostomo@gmail.com;

⁴Docente do Curso de Medicina da Universidade de Brasília. E-mail: julihocevar@hotmail.com; ⁵Docente do Curso de Medicina da Universidade de Brasília. E-mail: danielgodoydefavari@gmail.com

Introdução: O câncer do colo de útero permanece como problema de saúde pública, e é a terceira neoplasia mais incidente na população feminina brasileira. Apesar da melhoria no rastreamento pelo exame citopatológico, muitas pacientes são diagnosticadas em estágio avançado e novas diretrizes para detecção estão sendo implementadas em 2025, com o teste molecular DNA-HPV. Este estudo objetiva analisar o perfil epidemiológico da distribuição da mortalidade por câncer do colo de útero no Brasil, no período de 2014 a 2023. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico da distribuição da mortalidade por câncer do colo de útero no Brasil, no período de 2014 a 2023. **Material e Método:** Estudo observacional e retrospectivo. Foram incluídos registros de mortalidade por Neoplasia maligna do colo do útero, do Departamento de Informática do SUS, período 2014 a 2023, no Brasil. Variáveis avaliadas: ano do óbito, faixa etária, cor/raça, escolaridade, estado civil e região geográfica. **Resultados e Discussão:** De 2014 a 2023, foram registrados 63.954 óbitos por neoplasia maligna do colo do útero no Brasil. Observou-se uma tendência ascendente de 32,3% ao longo dos anos, com máximo de 7.209 óbitos em 2023 (11,3%). A maior concentração de mortes ocorreu na Região Sudeste, com 24.301 óbitos (38,2%), seguida pelo Nordeste, 20.301 (31,9%), Sul, 9.475 (14,9%), Norte, 9.387 (14,8%) e Centro-Oeste, 4.363 (6,9%). A faixa-etária mais prevalente foi 40 a 69 anos, com 45.200 óbitos (71,1%), seguida por 30 a 39 anos, 8.790 registros (13,8%), 70 a 79 anos, 5.253 registros (8,3%). Quanto à cor/raça, a maioria era parda, 29.831 (46,9%), seguida por brancas, 25.568 (40,2%), e pretas, 5.760 (9,1%). Em relação à escolaridade, até 3 anos de estudo, foi a faixa mais prevalente, com 25.378 registros (39,9%), seguido por de 8 a 11 anos, 15.549 (24,5%), e 4 a 7 anos, 12.391 (19,5%). Quanto ao estado civil, a maioria era solteira, 24.321 registros (38,3%), seguida por casadas, 17.585 (27,7%), e viúvas, 10.428 (16,4%). A mortalidade segue em alta, sustentada por disparidades regionais de acesso à saúde, pois Sudeste e Nordeste mantêm elevada carga de óbitos. Há o predomínio entre pardas, evidenciando barreiras de acesso e determinantes sociais no que tange à esfera racial. Além disso, a migração da mortalidade para faixas de escolaridade mais altas reflete, falhas no rastreamento universal. A concentração em 40-69 anos é compatível com a história natural da doença, porém o crescimento entre jovens e idosas sugere lacunas na prevenção e continuidade do cuidado. Ademais, o destaque das mulheres solteiras reforça a influência do suporte social na adesão ao rastreamento. **Conclusão:** O aumento da mortalidade por câncer do colo do útero no Brasil evidencia profundas desigualdades sociais e regionais. A implementação das novas diretrizes de rastreamento representa uma estratégia promissora crucial para ampliar o acesso, a detecção precoce e reverter a tendência de crescimento da mortalidade, promovendo saúde mais equitativa para as mulheres.

Descritores: Autocoleta, Neoplasias do Colo do Útero, Papilomavírus Humano.